

## Ensaio sobre a Empatia, a razão e o Sonho.

Andreia Morais Magliano  
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP)

*"Nada é fixo para aquele que alternadamente pensa e sonha."  
Gaston Bachelard*

Nos últimos anos tenho me dedicado ao estudo da empatia como uma competência pessoal a ser cultivada e construída em todos nós. Na construção desta abordagem encontramos desafios com relação a construção do conceito, sobretudo pela falta de estudos psicológicos, educacionais e sociológicos que olhem para a empatia de maneira integral.

Historicamente o pensar, o agir e o sentir, dimensões humanas inseparáveis, têm sido estudados de forma segregada, e na maior parte das vezes as manifestações psíquicas ligadas às emoções e sentimentos são vistas como um empecilho para o desenvolvimento da razão. “A cabeça está acima do coração, olhe para baixo e verá esta verdade” afirmam os iluministas partidários da racionalidade soberana, que fundamenta a ciência moderna.

A psicologia, sobretudo a psicanálise freudiana questiona a primazia da razão quando descobre a existência do desejo inconsciente, atribuindo a este elemento emocional, para ele de natureza sexual, a função motriz da psique humana. Jung embora considere o sentimento como uma função racional valorativa, o contrapõe a função pensamento, afirmando que a energia psíquica só poder ser prevalente em uma das duas funções. Poucos estudos atribuem à emoção e à razão o mesmo valor, ou observam estes elementos de forma integrada. (ARANTES, 2012, p. 14)

Embora não estejamos negando que emoção e razão podem se opor, queremos aqui sugerir que a relação de oposição é **uma** das formas de relação entre elementos racionais e emocionais. Acreditamos ainda que é a mais rudimentar delas. Temos a hipótese de que há uma série de outras formas mais complexas de relação entre a racionalidade e o sentimento.

Aqui entra o entendimento da empatia como uma competência pessoal, de colocar-se no lugar do outro para mobilizar sentimentos e ideias em prol da ação para o bem comum. Em primeiro lugar é fundamental conceituar a ideia de competência, diferenciando-a dos sentidos distorcidos do senso-comum. Como coloca Nilson J. Machado:

No universo do trabalho, [a ideia de competência] tem sido associada, frequentemente, com um fazer instrumental, confundindo-se muitas vezes com sua dimensão técnica. Uma parte das resistências encontradas no terreno educacional à ideia de competência decorre de tal associação, como se ela se limitasse ao mero saber-fazer, sem a densidade e o sentido de uma ação consciente. (p. 20)

Neste sentido utilitário a empatia certamente não poderia ser entendida como uma competência. O conceito de competência que estamos falando, no entanto, não diz respeito às distorções do mundo do trabalho, mas ao universo educacional, onde a ideia de competência ganha outro sentido. Como conceitua o autor:

Competência é a capacidade que uma pessoa tem para, em determinado âmbito, mobilizar os recursos de que dispõe para realizar aquilo que projeta. (MACHADO, 2010, p. 36)

Neste sentido, defendemos que empatia é uma competência enquanto capacidade de mobilizar sentimentos e pensamentos para a realização de algo que se projeta em prol do outro.

No nosso entendimento, a empatia não é um sentimento, pois ela está presente na forma de falarmos, de pensarmos e de agirmos na relação com o outro. Não consideramos uma pessoa empática, se apesar de sentir-se movida por um sentimento ela fale e aja com indiferença. Igualmente a ação empática não é um impulso “de ajudar sem pensar”, mas a competência de mobilizar recursos na ação para além de si mesmo.

A empatia igualmente não é um traço de personalidade que se pode ter ou não ter. Acreditar nisso seria equivalente a pensar como um inatista, que diz que o homem é determinado por sua biologia e que a cultura e a educação pouco podem transformá-lo. Entender a empatia como uma competência que pode ser construída por meio de vivência e reflexão ao longo da vida é apostar no potencial humano.

A empatia enquanto capacidade de colocar-se no lugar do outro e agir mobilizando esta “razão encharcada de emoção” (Paulo Freire) é a base fundante do sonho coletivo, do projeto para o bem comum. É competência fundamental para formação da pessoa ética e humana. E psicologicamente é uma forma mais madura e complexa de relacionar as emoções e a razão, desejo e vontade, para além do conflito neurótico freudiano. Se os iluministas diziam que devíamos olhar para baixo e ver que “a cabeça está acima do coração”, os poetas frequentemente nos exortam a olhar para o céu e ver que o sonho está além da razão. Mas, se olhamos para o lado e sonhamos **com o outro**: a razão, a emoção e o sonho ganham forma de ação transformadora no mundo.

#### Referências Bibliográficas

ARANTES, Valéria A. Modelos organizadores do pensamento e seu desenvolvimento teórico metodológico. São Paulo: FEUSP, 2012.

MACHADO, Nilson J. Educação: competência e qualidade. São Paulo: Escrituras Editora, 2010.